

coleção
poesia
viva

FORA DA ESTANTE

RUBENS JARDIM

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO



FORA DA ESTANTE

RUBENS JARDIM

Autorretrato

Até que enfim
Não dei em nada
Dei em mim

Pietá

Tão longe do meu olhar
fechada em si
e a si mesma devotada
a pedra, na Pietá
adentra o gesto
adensa a face
no apedrar-se da luz
no apiedar-se da pedra

Dedo em riste

Este poema não diz nada
da mesma forma
que a história não diz tudo.
Língua cortada:
este poema não fala
-falha.
E insiste
-dedo em riste.

Parábola

Tua palavra
é semente.

Minha solidão
é serpente.
Onde está o bote?

Flagrante

O morto na avenida
está livre da sepultura.

Não sei se é desaforo
ficar assim estendido

no chão. Mas a morte
é a quebra de protocolo,

a entrega de uma carta
endereçada ao nada.

Amor é perdição

Procuro entender os sinais
da tua ausência: teus sapatos
imóveis no guarda-roupa,
tuas calcinhas indiscretas
na gaveta.
Busco compreender essa falta
e aceitar essa carência.
Mas olho para os lados
e não decifro nenhum
dos teus inquestionáveis
enigmas.
O amor é a perdição de achar.

Aprendizagem

Dez pétalas
nomeadas de novo

Dez ovas
inumadas no ovo

Aprendizagem
sempre decimal

Coragem lenta
final

Artimanha

A arte é
Manha
De ver

A arte é
Manha
De vir

A artimanha:
Viver

A chegada em Santorini

O barco aportou em Santorini
e o tumulto despertou meu coração menino.
–“Para Thira? Sim, nós te levamos
para Thira. Venha conosco.”
Preso à minha língua, e ao cativeiro de
meu corpo, não sei para onde vou.
Só sei que vou por aí, celebrando
sinais antiquíssimos, indícios
da sentença délfica entre
o fogo divino e a taça repleta.

Um burburinho de vozes preenche
meus ouvidos. São sons familiares.
Vestígios de imagens que saltam
de poemas antigos. Mas tudo isso é intraduzível
diante da turbulência desse cais.

Onde os mitos, os monastérios,
as tumbas, e as mensagens dos deuses?

Onde a triunfal cidade, os negociantes
de azeite e vinho ? Onde os tronos,
os templos e os vasos cheios de néctar?

Acho que o amigo poeta tinha razão:
eu também fui visitar a Grécia
e ela não estava lá.
Estavam turistas de todas as partes,
mochilas, walkmans, câmeras fotográficas,
filmadoras, laptops, celulares e até os últimos
e inúteis desafios da razão moderna.

Mas cadê a presença da lira melodiosa,
da gaita pastoril e da ária do himeneu?
Os antigos erguiam deuses, catedrais
e trabalhavam com arados, bigornas e charruas.

E o que fazemos nós com as chaves perdidas,
as portas ausentes, e os deuses mortos que
saíram da terra e das nossas almas
e ficaram suspensos entre a imagem e a palavra
a abstração e o objeto, a ideia e a coisa.

Recorrência e surpresa.

Será assim o meu grito
diante da boca agonizante de Apolo?
Ou invocarei Dionísio,
o deus bailarino para uma contradança?

Por incrível que pareça estou aqui agora, 2003,
e sinto que não vou mais achar a água
limpa para lavar os meus olhos. Meu destino
está suspenso entre a entrega e a reserva
entre o grito e o silêncio,
entre a festa e o velório.
e todas as coisas solitárias que amo sem compreender.

Entro no ônibus, absolutamente lotado.
Turistas de todas as partes do mundo não
confraternizam comigo.
Estou mais sozinho e inútil do que os dourados carros
de combate
ou os antigos e sacros teatros que se calaram para sempre.

Ênfase

*As coisas. Que tristes são as coisas consideradas
sem ênfase.*

Carlos Drummond de Andrade

1

Sem ênfase
As coisas permanecem
Sendo coisas.
O avião não levanta vôo
E o gesto não sai do corpo
Se não houver ênfase.
É a ênfase que arruma
A louça na cristaleira
E o lenço bordado na gaveta.
Sem ênfase
Ninguém salva as Flores
Do Mal. Nem as Cinzas
Das Horas.

2

Sem ênfase
As palavras morrem
Antes de nascer.
Nietzsche não vê Sils Maria
E Maiacovsky não se mata
Se não houver ênfase.
É a ênfase que dasarruma
o sofá na sala
e os livros na biblioteca.
Sem ênfase
ninguém arrisca o salto
alto. Nem a queda
no difícil.

Oscilação

Ando por aí
paro em qualquer lugar
Bebo guaraná
e vejo Deus
numa casa nova
e você sorrindo
por dentro. Por isso
tomemos um rumo
neste lugar onde tudo
o que era já não é.

Diga aonde e quando
o amor é explicável.
Mas não repita
as ladainhas de sempre.

Meu coração é sinistro
e não está no seguro.

Tudo é justificável, claro.

Mas às vezes eu preciso ir
Não sei para onde
mas eu preciso ir.

Sou hostil ao tempo:
não uso relógio
e não suporto o mundo.

Por isso escrevo
quieto no meu canto.

Falo pouco, ouço nada
e vejo menos ainda.

Mas minha pele sente o sol
e arde com o sal desses
mares já antes navegados.

Camões é referência, amor.

Pessoa é paixão
– sem fim e sem começo.

Por isso diga
Diga sem frescuras
quanto custou
essa mistura
essa domesticação
dos desejos.

É claro que toda porta
se abre
e se fecha
e não adianta
o sábio explicar o combate
das substâncias.
O amor oscila
entre dois
opostos:
o cárcere
e o refúgio.

Amor é abrigo

Amor é
abrigo
:
com
telhado
de vidro

Amor é albergue

Amor é
albergue
de
andorinha
:
coisa
arisca.
Quem se arrisca?

A importância de um nome

Isalina não é nome pronunciável
longe da Vila.
Defronte desta casa
o melhor é calar.
Catar os cacos e recompor os elos
que me prendiam aos teus braços
às tuas tranças, às tuas mãos,
ao teu sorriso.

Desapareceste da minha vida
mas não desapareceste de mim.

Deixaste um nome e junto dele
uma porção de imagens.

Ou será uma poção de imagens?

O certo é que quando falo Isalina,
Isalina não vem mais. Mas vem
uma longa ausência espiando
sua passagem pela Vila
e pela minha vida.

Ela estava no primeiro das coisas:
com seus olhos exatos,
as mãos retas e reticentes,
o corpo grande, inocente.

Isalina é território etéreo,
permanência cultivada.

É fonte que não foi feita por Bernini.
Mas ainda assim é fonte:
chafariz, bica, água musical.

Talvez não seja também a Roma negra
do Darcy.

Mas é certamente a força motriz
da música da minha voz antes da palavra:
água repousando no lago,
lenho queimando, luz
no peito solar, signo indecifrável.

No palco *della luce* sobram sombras
de tudo aquilo que não existe mais
e teima em existir tão perto
como o parque diante desta moradia nova.

Jorge de Lima afirmou: O nome afinal
que importa à essência de um poema?

Mais tarde, outro poeta registrou
sua perplexidade: mas que importa
um nome a esta hora do anoitecer
em São Luiz do Maranhão?

E eu, poeta bem menor, que nunca passei
pelo fundo do Inferno, nem pelo alto do Purgatório,
que desconheço o Paraíso – celestial ou terrestre,
importo teu nome
para celebrar em sigilo teu contorno inconsútil.

Emerges da multidão
mas não visualizo teu vulto.
Sei que não carregas nenhuma oferenda
aos deuses crucificados.

Estás viva e muda
diante das três margens do Rio
e sabes que a alma
só se lava mesmo é na lama
ou no coração das águas.

Lembrando Mário de Andrade

Sozinho
na Estação Rodoviária
olho pros lados do Tietê
e me lembro
de Mário de Andrade.

Onde estará aquele rio
e onde estará você, Mário?
E a cidade de antes
com seu solo e seu sentido?

Os homens levaram muitas coisas, Mário.
Mas as águas do Tietê ainda estão aqui
e correm, ligeiras e limpas pelo corpo
do poema.

Impossível navegá-las hoje
pois elas misturaram-se a tudo:
aos alicerces dos prédios,
ao corpo das fábricas,
ao derradeiro gesto dos suicidas
e às primeiras janelas
que se abrem nas manhãs.

Mas para ver o que, Mário?
Ou viver de que?

Aqui e ali acorda a vida da cidade.
Erguem-se pessoas. Suspendem-se gestos.
Avançam carros e cachorros.
Um trem desperta os trilhos da paciência
e eu me recuso a guardar o silêncio
e a esperança.

Eu quero mostrar que existe uma neblina
fina que já não cobre o sonho do teu povo,
a demagogia dos teus políticos,
o voo dos teus pardais
e o amor devastado de tuas mulheres
e sábios e iletrados.

Mas de qualquer forma
também quero mostrar
que a minha alma vive longe e nítida
à sua maneira.
Por isso vejo menos a multidão
que se arrasta, muge, falsifica e esconde
do que os amores que tive
e deram o sentido desta hora.

É noite Mário. E tudo é noite.
É noite na Itambé,
É noite no Iraque
É noite nas Marginais
É noite no meu coração devastado.

Em vão tento falar com os deuses
que povoaram a minha infância.
Eles desapareceram junto
com os cavalos, os barcos a vela.
e as praças veneráveis.

Não sobraram nem as locomotivas
nem os trilhos, nem os apitos dos trens.
Mas a tua voz está aqui, Mário,
nesse emaranhado de ruas
que a tua cidade não cansa de criar.
Mas pra que tudo isso se os versos já não falam em partir
e nunca mais voltar?

Sejamos realistas, Mário:
os tempos mudaram e o teu velho rio
pródigo em peixes, é hoje um imenso saco de lixo
onde jogamos pneus, chinelos, camisinhas, merda
e cadáveres de passarinhos.

Um outro poeta disse que
passarão as cidades os homens
os edifícios de apartamentos os aviões os satélites
e as tuas águas – velho Tietê –
continuarão correndo correndo
e correndo, como sempre para o futuro.

Mas que futuro é esse que não rompe
com esse albergue de fantasmas?

É noite Mário. E tudo é noite.
É noite na Cristiano Viana
É noite na Lopes Chaves
É noite sobre os tinteiros
dos meus tempos de escola.

Poema do avesso

O que há em mim
é a lenta preparação
do que há em ti
sombra segada
sangrada
e sagrada
até nos olhos dos meninos
que nasceram sem olhos

vidência única
(vide o verso)

visão múltipla
(vede o anverso)

e tudo que está
do outro lado
do espelho.

¡Que no quiero verla!

Quero que você viaje sempre
e se não quiser voltar – que não volte.
Busque outros programas
de preferência algum que seja mais extenso.
E vá visitar os teus museus
e viver nas regiões mais inóspitas:
que tal o *Musée du Panthéon National Haitien?*
ou o Museu de Serra Leoa,
em Freetown?

Afinal essas viagens
são um imperativo do trabalho.
E Rodin já dizia: o trabalho é tudo.

Sem trabalho as pedras
continuariam pedras
e os trançados da vida
não estariam aqui
– no traço talhado.

O que importa é trabalhar
para transformar nosso olhar,
mudar a direção da alma
e viver na concentração do corpo.

Não dissipar nada.
Nem diluir o vinho.
Nem preservar a esquelada integridade
dos medos e do pouco pão
dividido.

Resguardar apenas as funduras de ser
habitante dos precipícios
e dos despenhadeiros,
neblina da minha alma,
entroncamento de caminhos.

Não, eu não quero me habituar às tuas partidas
nem às vestimentas cotidianas.
Também não quero trajes apertados
nem sininhos no pescoço.

Sei que a vida é contínua queimação
de etapas,
de imagens
clareiras.

Questões sempre postas
nas mesas
nas camas
– e onde a resposta?

Perguntas dissolvem-se em soluções
retilíneas.
Mas se as retas não existem
e se já não existem os júbilos e as celebrações
o que fazer com essa angústia:
chamar *Kierkegaard?*
Ou afinar os ouvidos para ouvir *Holderlin*
e a solidão absoluta de *Rainer?*

Claro que a vida não é só proximidade.
encontro
desencontro
reencontro.

Faz parte da vida esse capinar sozinho
Faz parte da vida esse capinar
Faz parte da vida
Faz parte
Faz

E o que é que eu fiz
diante de você naquela tarde
de desorientadas navegações,
bússolas quebradas que retornam
retorcidas
caminhos da minha alma
em agonia

(se não fossem os meus erros
se não fossem os teus)
se não fossem
se não
se

Não, não há nenhum touro em minha frente.
Também não há nenhuma arena em minha memória.
Mas por que meu relógio permanece parado
a las cinco en punto de la tarde?

Pura coincidência de um verso
que a-tingiu meu universo
de vermelho
vermelho como *la sangre de Ignacio*
sobre la arena
Ou como tuas unhas pintadas
que eu não quero ver
que eu não quero ver

o aceno de tuas mãos
em mais nenhuma despedida.

Toda mulher

Toda mulher é uma viagem
ao desconhecido. Igual poesia
avessa ao verso e à trucagem,
mulher é iniciação do dia,

promessa, surpresa, miragem.
De nada adiantam mapas, guias,
cenas ensaiadas ou pilhagens.
Controverso ser, mulher é via

de mão única, abismo, moagem.
É também risco máximo, magia,
caminho íngreme na paisagem.

Simplificando: mulher é linguagem,
palavra nova, imagem que anistia
o ser, o vir-a-ser e outras bobagens

O invisível poema

Aqui se cruzam os caminhos
de épocas remotas e atuais.
Neste espaço finco os beirais
desta casa onírica. Meu ninho

é esta escrita em pergaminho.
São as fantasmagorias banais,
os sons obsessivos das vogais
e as libações efêmeras do vinho.

Não falo de casas em burburinho,
nem de monumentos e catedrais.
Registro, apenas, nesta escrivania

o invisível poema em redemoinho,
capturando o lido e o olvido e os ais
escutados na partição dos caminhos

Exercícios de viagem

1
entre a via veneto
e a peixoto gomide

existe um fosso
e nenhum castelo

existe um poço
e nenhuma água

existe eu posso?

2
entre Roma
e São Paulo

eu fico com Cotia

sem caos aéreo
e sem palavras importantes
como Campidoglio
Coliseu, Piazza Navona
ou Fontana di Trevi.

Eu quero as palavras sem gala
as palavras simples
que nomeiam a maria-sem-vergonha
e um pássaro que passa
sem nome
– mas voa!

Expropriação

1

Quando eu era pequeno
e andava de mãos dadas com minha mãe
o mundo inteiro era minha casa.
Hoje, nem minha casa
é minha casa.

2

Os anjos desapareceram
do espelho.
Da rua.
Da vila.
Eles não habitam mais
nem as igrejas.

3

Antes o mundo era dádiva
acolhimento
oferenda.
Hoje estou fora de todas as coisas.
Sempre fora.
Sempre em face das coisas
em face do mundo
em face dos homens.
Sozinho diante de Deus.

SOBRE O AUTOR

Rubens Jardim, 65 anos, jornalista e poeta. Publicou poemas em diversas antologias no Brasil, na Itália, no Uruguai e na Espanha. É autor de três livros de poemas: *Ultimatum* (1966), *Espelho riscado* (1978) e *Cantares da paixão* (2008). Promoveu e organizou o Ano Jorge de Lima (1973) e publicou *Jorge, 80 anos*. Integrou o movimento Catequese poética (1964), cujo lema era “O lugar do poeta é onde possa inquietar. O lugar do poema são todos os lugares”. Participou da I Bienal Internacional de Poesia de Brasília (2008) com poemas visuais, no Museu Nacional e na Biblioteca Nacional. Faz leitura pública de poemas, está presente em vários sites e possui o seu próprio espaço virtual: www.rubensjardim.com

Prefeitura de São Paulo Gilberto Kassab
Secretaria de Cultura Carlos Augusto Calil

Centro Cultural São Paulo | Direção Geral e Divisão de Curadoria e Programação Ricardo Resende **Divisão Administrativa** Gilberto Labor e equipe **Divisão de Acervo, Documentação e Conservação** Kelly Leani Santiago (diretora interina) e equipe **Divisão de Bibliotecas** Waltemir Jango Belli Nalles e equipe **Divisão de Produção e Apoio a Eventos** Luciana Mantovani e equipe **Divisão de Informação e Comunicação** Janete El Haouli e equipe **Divisão de Ação Cultural e Educativa** Alexandra Itacarambi e equipe **Coordenação Técnica de Projetos** Priscilla Maranhão e equipe

Fora da estante | Coleção Poesia Viva Autor Rubens Jardim **Coordenação Editorial** Claudio Daniel (Curador de Literatura do CCSP) **Conselho Editorial** Heloísa Buarque de Hollanda, Leda Tenório da Mota, Maria Esther Maciel, Antônio Vicente Seraphim Pietroforte e Luiz Costa Lima **Projeto Gráfico CCSP** Adriane Bertini **Impressão** Gráfica do CCSP

COLEÇÃO POESIA VIVA

distribuição: gratuita, no CCSP

tiragem: 1000 exemplares

São Paulo, 2012

isbn: 978-85-86196-43-0



PREFEITURA DE
SÃO PAULO
CULTURA



Centro Cultural São Paulo

WWW.CENTROCULTURAL.SP.GOV.BR
R. Vergueiro, 1000 / CEP 01504-000
Paraíso / São Paulo SP / Metrô Vergueiro
11 3397 4002
ccspl@prefeitura.sp.gov.br